

O Rio de Janeiro e seus mitos

Henri Pierre Jeudy

Sociólogo, foi diretor do Laboratoire d'Anthropologie des Institutions et Organisations Sociales do Centre National de la Recherche Scientifique, em Paris, e professor da Escola de Arquitetura de Paris-Villemin e da Universidade Paris I- Sorbonne

Tradução de Thiago Fonseca e Clarissa Moreira

No Rio de Janeiro, estive, em um domingo à tarde, na praia de Copacabana em uma sessão de capoeira. Um jovem de pele negra e cabelos loiros, preparava-se para dar um salto gigantesco sobre duas mulheres imóveis que corriam tranquilamente o risco de serem atingidas na cabeça pelo corpo do rapaz, durante seus pulos incríveis. Sem dúvida, se estavam com medo não demonstraram, como se confiassem nesse homem elástico, capaz de se retorcer sobre si mesmo a poucos metros do chão. A multidão ali presente esperava o momento final, quando esse corpo flexível e musculoso saltaria acima das duas mulheres, caindo de pé por trás delas. Um vendedor ambulante não cessava de fazer comentários irônicos sobre as habilidades do homem que ora chamava de irmão, ora de primo. Para fazer a cena render, dirigindo-se aos espectadores, o vendedor disse que seu primo tinha um corpo tão elástico que era totalmente maleável. Ele lhe perguntou se estava pronto para, enfim, anunciar o salto espetacular e o malabarista lhe respondeu em um tom solene: "Eu nasci pronto".

Este jovem vinha de Salvador, provavelmente tinha passado sua infância solto na rua. Então ele podia afirmar com segurança e soberba: "Nasci pronto". Pronto para tudo que possa acontecer, pronto por necessidade. De certa forma, ele anunciou que não tinha outra escolha na vida senão "estar preparado para tudo". Então ele tomou precauções. Dois outros baianos vieram se postar ao lado de cada uma das mulheres e estenderam um bastão na altura da cabeça delas. O salto foi realizado sobre o bastão a alguns centímetros das cabeças das mulheres, para evitar uma catástrofe. O homem elástico fez o grande salto sob os aplausos da plateia.

A simulação humorística dos riscos não é mesmo uma das melhores formas de se fazer o aprendizado da segurança? Se costumávamos fazer amor em praias, hoje não é a mesma coisa: é preciso estar atento a todo instante. A megalópole do Rio de Janeiro, se ela oferece o charme que se tornou mítico de "cidade mais bonita do mundo", é também um paraíso para criminosos de todos os tipos e cada vez mais, da máfia. Sem dúvida a conjuração do medo é estimulada pela função turístico-cultural que as favelas adquiriram ao longo do tempo, mas persiste o fato de que os residentes de bairros ricos continuam a viver com a «ameaça» que faz pesar em sua existência diária a presença dos favelados, enquanto são estes que enfrentam cotidianamente os verdadeiros ataques que as metamorfoses urbanísticas nunca conseguiram atenuar. Entretanto, a cidade parece exhibir ao longo do tempo sua própria homogeneidade, como se estivesse tirando das

forças vivas causadas por suas distorções, a aparência de uma coesão inesperada de sua inscrição territorial original - em suma, sua configuração geológica.

Uma grande cidade pode ser apresentada universalmente como um mito por várias razões. O Rio é um modelo singular e único de um mito de cidade: todas as imagens que contribuem para forjar a ilusão perfeita de sua soberania mundial são estampadas com o selo da atemporalidade. O Rio sempre foi uma das cidades mais bonitas do mundo e continuará sendo. Nada parece ameaçar esta idealização de seu esplendor. E, diferente de outras das mais míticas cidades do mundo, o Rio tornou-se o arquétipo do sonho distante, anacrônico e futurista das cidades modernas. Sua lendária beleza, a cidade a deve à sua localização espacial e à presença extravagante da natureza nos meandros da urbanização. Costumávamos outrora ouvir essa anedota: *"Por que os residentes de Niterói, que vivem em frente ao Rio, sorriem o tempo todo? Porque eles veem o Rio o dia inteiro."* E durante a minha adolescência, eu ouvi os *Compagnons de la Chanson* cantarem: *"Se você está indo para o Rio, não se esqueça de ir lá no morro onde você verá as meninas de cintura fina dando pequenos passos... e as bandas de metais, em um alegre tintilar..."*.

O mito carioca é composto por um "enxame de estereótipos". O que tornaria uma cidade intangível seria as suas maneiras de ultrapassar o poder dos estereótipos que lhe impõe o fato de ser um objeto exposto à representação. E se o estereótipo satura o significado dado às imagens de uma cidade, acaba produzindo, pelo seu próprio excesso, efeitos de paródia. Então, na medida em que a beleza suprema do Rio "parodia a si mesma", a cidade torna-se ainda mais bela e mais simpática, uma vez que prova ao mundo sua capacidade de rir de seu próprio destino.

O poder do estereótipo é o de ser atemporal. Freud havia escolhido a cidade de Roma para representar, por analogia, a condensação de estratos temporais do inconsciente e a persistência de sua simultaneidade. Ao contrário de Roma, o Rio seria uma metáfora do "inconsciente a céu aberto". Uma cidade em que a história nunca deixa de nascer - inúmeras e improvisadas histórias.

Uma manhã, ao amanhecer, cheguei de Paris, fui à casa de uma amiga em Santa Teresa, e depois de ter tomado café da manhã, ao descer com ela nas ruas que levavam aos edifícios da arquidiocese, tivemos de nos esconder atrás das árvores para nos proteger das balas disparadas por ladrões de banco. Esse sentimento de "estar no nascimento de um evento" transforma a cidade em um espaço incipiente. Toda megalópole demonstra

predisposição à alegoria, mas no Rio, os comportamentos humanos antecipam constantemente o surgimento da história dos eventos. Estamos aqui, aguardando algo que talvez possa acontecer... em um estado contínuo de expectativa. E mesmo que não aconteça nada, é como se algo tivesse acontecido.

O mito da beleza indefinível do Rio está ameaçado hoje? Pensamos na música de Gilberto Gil:

“O Rio de Janeiro continua lindo

O Rio de Janeiro continua sendo

Rio de Janeiro, fevereiro e março”

Quando eu estava na casa de um amigo na Glória, no décimo primeiro andar, via do escritório onde escrevia, os aviões que asseguravam a ligação com São Paulo aterrissando ou decolando do Santos Dumont. Eles sobrevoavam a baía, desapareciam ou pousavam como grandes pássaros bordeando o chão e o mar. Eu os observava me dizendo que estavam subindo no céu ou descendo dele, oferecendo-me um espetáculo de balé interrompido no coração da cidade. Essa imagem coreográfica da ordem do movimento e do tempo me parecia, sob meu olhar arraigado e distante, tão natural quanto a disposição ousada de construções no topo dos morros. Como a cidade considerada comumente como tão caótica conseguiu finalmente arranjar para si uma ordem das coisas?

Mas a representação da ordem nem sempre é muito poética, especialmente quando é fruto de vontade política ou de soberania religiosa. A cidade não está cada vez mais sob domínio simbólico e eficaz dos pentecostais? A ordem que estes representam está bem fundamentada em uma religião tão materialista quanto o Xintoísmo no Japão, exceto que exhibe seus princípios econômicos e morais antes de qualquer expressão de misticismo, que ela acaba por exterminar. O inimigo do pentecostalismo é o Candomblé, prática religiosa introduzida pelos escravizados oriundos das nações africanas através do tráfico negreiro. Em 2016, a eleição de Marcelo Crivella para Prefeito do Rio, pastor evangélico, já anunciava o aumento da influência da igreja evangélica no poder político. Até agora, ela estava presente apenas no poder Legislativo, não no Executivo. Em 2018, a "Comissão contra Intolerância" registrou cerca de trinta ataques a terreiros de Candomblé

no Estado do Rio. O próprio Carnaval acaba sendo assunto de restrições orçamentárias... Perguntamos até que ponto a igreja evangélica não ataca diferentes aspectos do mito do Rio. Mas este parece permanecer inatingível.

O mito de uma cidade não é mais poderoso que uma religião, especialmente se esta revela logo seu pragmatismo e seu moralismo? O mito tem a capacidade de metamorfose e paródia de si mesmo como se o conjunto de crenças que ele gerou sempre pudesse renascer de suas cinzas. Não escolhemos adotar o mito de uma cidade, é ele que nos adota com todos os seus estereótipos. A decodificação da cidade do Rio é comparável a de um império de "expressões congeladas", cujos jogos de associação permanecem inesgotáveis. E a singularidade de sua "atemporalidade", comparada "àquela" de Roma, vem da estranha persistência de sua contemporaneidade.